



PERDEU, LADRÃO!

**UM DIA
QUALQUER**

A PARTIR DO DIA 17, de
segunda a sexta, 22h,
SPACE (HD)

Tragédia grega em pleno Rio de Janeiro, série **Um Dia Qualquer** mostra o lado humano da bandidagem e o embate entre tráfico e milícia em uma trama violenta, caótica e atual

por Henrique Januário

EM APENAS UM SEGUNDO, TUDO PODE MUDAR, PRINCIPALMENTE SE ESTE SEGUNDO estiver entre as 24 horas de um dia de carnaval na comunidade carioca retratada em *Um Dia Qualquer*, série nacional que estreia este mês na programação. A produção é dividida em cinco episódios, cada qual retratando uma parte específica de um único dia, mostrando o caos se instalando nas vidas de personagens de visões e trajetórias antagônicas; vindos do tráfico, milícia e movimentos sociais. Longe de apontar culpados, a série, criada, escrita e dirigida por Pedro von Krüger, mostra a festa de momo e a ação criminosa e violenta como pano de fundo de um grande drama pessoal vivido por personagens que eventualmente são mocinhos, bandidos ou simplesmente se veem envolvidos no acontecimentos daquele sábado de carnaval.



Um exemplo de que uma reviravolta pode acontecer de uma hora para outra ocorreu com a própria produção, idealizada inicialmente para ser um longa-metragem. “Acabou que o filme não foi lançado por causa da pandemia, já que os cinemas fecharam. A gente teve uma conversa com a produtora nesse sentido, porque já tínhamos os direitos de lançar a série desde o final do ano passado e, com o atraso, a gente achou que era o momento”, revela Silvia Fu Elias, diretora sênior de conteúdo da Turner Brasil. Mas se há um lado bom nisso, é que o (ex-) filme chegará à TV com extras: “Foi pedido que a gente produzisse um conteúdo exclusivo, para que a série não fosse simplesmente o longa-metragem ‘fatiado’. E aí foi instantâneo pensar na história progressa dos personagens”, afirma Krüger.

A solução foi inserir, entre as cenas que retratam o tal “um dia qualquer”, imagens de outro dia que acontecera dez anos antes e cujos eventos influenciaram diretamente na trama dos “tempos atuais”. No centro da história estão o policial Quirino (Augusto Madeira) e o casal de traficantes Penha (Mariana Nunes) e Seu Chapa (Jefferson Brasil). A ruptura que separa os acontecimentos de 2010 dos de 2020 são de ordem estrutural, com o poder sobre a comunidade indo das mãos do tráfico para as da milícia, e visual, com Penha deixando o

posto de Rainha do Crime para ser uma devota religiosa que, a duras penas, tenta manter a dignidade como mãe solo de três rapazes. “Eu acho que ela tenta, a todo custo, usar a religião como refúgio. É lá que ela se esconde do passado até para ela mesmo. Ela se sente, em alguns momentos, perseguida por essa Penha do passado. Mas não que ela não goste ou não se identifique; é que ela não pode mais ser quem era”, explica Mariana.

Já Quirino, por quem Penha mantém sentimentos dos mais ambíguos, abandona o distintivo e a condição de policial colaborador do tráfico para se estabelecer como miliciano-mor da comunidade, exercendo com mão de ferro o seu poder paralelo. “Nesse roteiro, eu desenvolvi uma história com temas que a gente precisa debater amplamente na nossa sociedade, que são: o avanço das milícias, a injustiça social sofrida pela população negra, as buscas sem resposta pelas vítimas da violência e as agressões domésticas decorrentes do machismo”, explica o diretor, que trabalhou na equipe dos dois *Tropa de Elite* e que teve inspiração direta na canção “Tribunal de Rua”, composta por Marcelo Yuka e gravada pelo O Rappa, na criação da série.

Além da problemática atualíssima das milícias, que têm presença maciça no noticiário nacional, a série ainda aborda os dramas das mulheres Penha, que no passado perdeu o companheiro para a





Hoje é carnaval – 1. Ação da série se passa no primeiro dia de folia de 2020; 2. Flashbacks mostram a relação entre Quirino, Penha e Seu Chapa; 3. Relação conturbada entre Quirino e o filho Beto terá consequências dramáticas; 4. Vinicius de Oliveira, o capanga Maciel, ao lado de Augusto Madeira e do diretor Pedro von Krüger; 5. Bruna, esposa de Quirino, vive perigoso caso com o enteado

violência e que agora tem o filho desaparecido”, e de Bruna (Tainá Medina), companheira de Quirino, que sofre com o comportamento tóxico, abusivo e machista do criminoso. “A Bruna não tem um plano para o que ela está fazendo. Ela está com um marido que não tem afeto, ela quer ser desejada. Ela é, de certa maneira, prisioneira daquela casa. Ela quis um certo status casando com esse homem, mas, quando chegou lá, não foi exatamente o que ela esperava”, defende Tainá. Em busca de aceitação e empoderamento, ela se coloca em uma posição arriscada, tendo um caso com Beto (Willeam Reis), filho de Quirino, numa relação que aproxima a trama de uma tragédia grega. aparentemente, todos estão destinados a um fim terrível, e, por mais que tentem fugir, essa conclusão já está decretada por forças maiores.

O rapaz cursa direito na faculdade com o intuito de ser o braço legalizado do “projeto” do pai, que deseja ter um colaborador do lado certo da Lei. No entanto, o rapaz tem um comportamento completamente oposto à linha dura que o pai impõe à comunidade. “Ter um

advogado é bem melhor que ter dez bandidos armados”, diz Augusto Madeira. “Tem uma coisa que diferencia a milícia em relação ao tráfico: ela tem um projeto político, diferente dos comandos e de outros bandidos. Eles vieram do sistema e sabem como ele funciona. É uma forma de ampliar seu poder”, continua o intérprete de Quirino. A trama é calcada na ação, mas não dá para separar o tom crítico que mostra o surgimento injusto de uma nova forma cruel de

“TEM UMA COISA QUE DIFERENCIA A MILÍCIA EM RELAÇÃO AO TRÁFICO: ELA TEM UM PROJETO POLÍTICO, DIFERENTE DOS COMANDOS E DE OUTROS BANDIDOS”

— Augusto Madeira

poder que se vende como uma espécie de força motriz de combate ao banditismo. Como se diz, o poder corrompe, e, corrompido, não vê mais o mundo pelo filtro da legalidade. Então, dependendo da circunstância, do interesse e do ponto de vista, um professor, uma profissional de saúde e até um religioso podem se tornar inimigos, focos de perigo para essa estrutura de governo paralelo.

Morador da comunidade do Vidigal, Jefferson Brasil consegue ter uma visão mais próxima do ponto de fusão entre a realidade e a ficção. “O que a gente precisa agora é pensar nesse momento, porque o Sistema quer nos engolir, nos ver como inferiores e como vítimas dele. Eu acho que esse é o lance sobre *Um Dia Qualquer* e sobre os tempos atuais que estamos vivendo. É muito difícil conviver ali, entre esses dois poderes, nessa briga”, afirma o ator, que vê na arte a salvação para toda essa situação e a oportunidade de alertar sobre as mazelas das comunidades e criar aquele segundo que pode mudar tudo, não para trazer o caos, mas sim para gerar a revolução e promover a esperança. ■